

Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Morales de los Rios, Melo Moraes Filho. No artigo de apresentação ficava marcada a linha participante e combativa do jornal: "A praxe de quantos até hoje têm proposto pleitear no jornalismo nosso a causa do direito e das liberdades populares, tem sido sempre a afirmação antecipada, ao público, da mais completa neutralidade. Em bom senso sabe o povo que essa norma de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é puro estratagemma para, mais a gosto e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser, forçosamente, jornal de opinião". Nesse editorial estava impressa a marca de Edmundo Bittencourt⁽²⁰⁴⁾.

O *Correio da Manhã* vinha romper, efetivamente, o cantochão de louvores ao governo Campos Sales que presidia a política de estagnação, onerando terrivelmente as classes populares. Quebrava a placidez aparente, alcançada pelo suborno, pela sistematizada corrupção, institucionalizada a compra da opinião da imprensa. Nesse sentido, o seu editorial de 4º aniversário, a 15 de junho de 1905, reafirmava a exatidão do rumo traçado quando de seu lançamento: "Veio para lutar, resoluta e serenamente, em prol dos interesses coletivos sacrificados por uma administração arbitrária e imoral. Venceu por isso". Daí por diante, e em toda a velha República, que ajudou a derrocar, o jornal de Edmundo Bittencourt foi, realmente, veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes. Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse caminho, vindo de baixo, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística. Já o era, ou ingressava nesta etapa quando, em romance de escândalo, em que buscava

(204) Edmundo Bittencourt (1866-1943) nasceu em Santa Maria, província do Rio Grande do Sul e fez os seus primeiros estudos em Porto Alegre, onde colaborou em *A Reforma*, de Silveira Martins. Depois de breve passagem por S. Paulo, veio para o Rio de Janeiro, em 1889, provisionando-se em solicitador no Foro, enquanto concluía os preparatórios e tirava o curso de direito. Começou a advogar com Rui Barbosa e Sancho de Barros Pimentel. Em 1908, foi liquidada a sociedade que mantinha *A República*, cujo espólio Rui Barbosa e Carlos Bandeira adquiriram, fundando *A Imprensa*, que Edmundo Bittencourt secretariou e que, suspensa a 25 de abril de 1900, voltou a circular a 2 de janeiro de 1901, mas foi liquidada pela crise financeira e desapareceu a 24 de abril, quando Edmundo comprou-lhe o material e arrendou o prédio da rua do Ouvidor, 117, dando início ao *Correio da Manhã*, lançado a 15 de junho de 1901, que se caracterizou desde logo como jornal de oposição, o que lhe valeu grande prestígio nas camadas populares. Em 1906, Edmundo Bittencourt teve de bater-se em duelo com Pinheiro Machado, a quem o jornal atacava com violência. Como Irineu Marinho, dez anos depois, Edmundo Bittencourt foi dos últimos exemplos de esforço para fazer um jornal, tornando-o de iniciativa individual em empresa próspera.